

um sinal de afeição por Ele, o penhor da Sua terna consideração e afinidade para conosco. E o Filho de Deus, contemplando os herdeiros da graça, “não se envergonha de lhes chamar irmãos” (Heb. 2:11). Eles têm uma relação mais sagrada com Deus do que os anjos que nunca caíram.

Todo o amor paternal que passou de geração em geração através do coração humano, toda a fonte de ternura que se abriu na alma do homem, não passam de um ténue riacho em comparação com o ilimitado oceano, quando comparados com o infinito, inesgotável amor de Deus. A língua não o pode exprimir, nem a pena é capaz de o descrever. Podeis meditar nele todos os dias da vossa vida; podeis esquadrihar diligentemente as Escrituras para o compreender; podeis reunir cada faculdade e poder que vos é concedido por Deus, no esforço de compreender o amor e a compaixão do Pai celestial; e, no entanto, existe ainda um infinito para além. Podem estudar esse amor durante séculos; não obstante, jamais poderão compreender plenamente a extensão e a largura, a profundidade e a altura do amor de Deus ao dar o Seu Filho para morrer pelo mundo. A própria eternidade nunca o poderá revelar completamente. – *Signs of the Times*, 12 de Abril de 1910.

“Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adopção de filhos, pelo qual clamamos; Aba, Pai” (Rom. 8:15). O espírito de escravidão é causado pela tentativa de viver de acordo com a religião legal, tentando cumprir os requisitos da lei através da própria força. Há esperança para nós apenas quando ficamos sob o concerto de Abraão, que é o concerto da graça pela fé em Cristo Jesus. O evangelho pregado a Abraão, através do qual ele tinha esperança, era o mesmo evangelho que é nos é pregado hoje, através do qual temos esperança. Abraão contemplava Jesus, que é o Autor e o Consumador da nossa fé. – *The Youth’s Instructor*, 22 de Setembro de 1892.

SEXTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO: LEITURA ADICIONAL

Parábolas de Jesus, “Um Poder que Transforma e Eleva”, p. 95-98; *O Desejado de Todas as Nações*, “O Baptismo”, p. 81; “Em Cafarnaum”, p. 201; “Não se Turbe o Vosso Coração”, p. 567, 568 (Ed. P. SerVir); *O Grande Conflito*, “Reformadores Ingleses Posteriores”, pp. 207-210 (Ed. P. SerVir); *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 8, pp. 126-129.

Redenção para Judeus e Gentios

SÁBADO À TARDE, 28 DE AGOSTO

O Senhor não queria que o Seu povo fosse exclusivista. Os mensageiros de Cristo devem proclamar o evangelho da Sua graça a todas as nações, línguas e povos. Cumpre-nos dar a conhecer que o Grande Advogado dá audiências no mundo inteiro. A igreja judaica foi chamada a ser representante de Deus perante um mundo apóstata e, para cumprir esta missão, o povo judeu devia manter a própria existência como nação distinta de todas as nações idólatras da Terra. Deviam subsistir no mundo, mantendo o seu carácter santo e peculiar. Poderiam conservar a própria espiritualidade, fazendo aquilo que Adão e Eva não fizeram – prestando obediência a todos os mandamentos de Deus, e representando no seu carácter a misericórdia de Deus, a Sua bondade, compaixão e amor. Assim, na excelência do carácter eles poderiam elevar-se acima de qualquer outra nação; pois, por meio de um povo puro e obediente, o Senhor manifestaria as Suas ricas bênçãos. Assim, os princípios das leis que regiam o Seu reino deviam ser exaltados em todo o mundo. Seguramente, ao corresponderem à misericórdia, à luz e à graça concedidas, haveriam de tornar-se a luz do mundo. Teriam constantemente a atenção voltada para Deus como o sábio, impecável e supremo Governador, e o Seu louvor estaria por toda a Terra. ... O Senhor é o nosso Deus, e tem o mesmo desígnio para o Seu povo leal e crente hoje em dia. – *Filhos e Filhas de Deus* (Meditações Matinais, 1956), p. 44.

DOMINGO, 29 DE AGOSTO: A PREOCUPAÇÃO DO APÓSTOLO PAULO

Deus concedeu aos israelitas grandes privilégios, abençoando-os ricamente com a Sua bondade abundante. Ele esperava que O honrassem ao revelarem os princípios do Seu reino. No meio de um povo caído e ímpio – num mundo em que a violência e o crime, a ambição, a opressão e as práticas mais corruptas eram praticados sem restrições – os israelitas deviam representar o

carácter de Deus. Na santidade da sua vida, na misericórdia e na amável bondade e compaixão, deviam mostrar que “a lei do Senhor é perfeita e refrigera a alma” (Sal. 19:7).

Através da nação judaica, era propósito de Deus conceder ricas bênçãos a todos os povos. Através de Israel, seria preparado o caminho para a difusão da Sua luz a todo o mundo. As nações do mundo, por terem seguido práticas corruptas, tinham perdido o conhecimento de Deus. No entanto, na Sua misericórdia, Deus não pôs fim à sua existência. Ele decidiu dar-lhes oportunidade de O conhecerem através da Sua igreja. O Seu plano era que os princípios revelados através do Seu povo fossem o meio de restaurar a imagem moral de Deus no homem.

A vinha do Senhor, a Sua própria propriedade escolhida, foi plantada na terra de Canaã. E como a torre na vinha, Deus colocou no meio da terra o Seu santo templo. No templo, a Sua glória habitava no santo *Shekinah* acima do propiciatório.

Nos dias de Salomão, o reino de Israel estendia-se desde Hamate ao Norte, até à fronteira do Egito ao Sul, e do Mar Mediterrâneo ao Rio Eufrates. Através deste território passavam muitas vias naturais do comércio mundial. Caravanas a caminho de terras distantes, ou vindas delas, atravessam-nas constantemente. Assim, foi dada a Salomão e ao seu povo uma excelente oportunidade para revelar o carácter do verdadeiro Deus tão claramente que os homens de todas as nações aprenderiam a reverenciar e a obedecer ao Rei dos reis. O convite do Evangelho devia ser dado a todo o mundo. Mediante o ensino contido nas ofertas sacrificais, Cristo devia ser exaltado perante as nações, e todos os que O contemplassem viveriam. Todos aqueles que, como Raabe, a cananita, e Rute, a moabita, se voltassem da idolatria para o culto ao verdadeiro Deus, deviam unir-se ao Seu povo escolhido. À medida que este povo crescesse, os israelitas deviam alargar as suas fronteiras, até que o seu reino abrangesse o mundo. ...

Deus entregou o cuidado da Sua vinha à igreja da actualidade. Os obreiros de hoje são chamados a fazer o trabalho que Israel não fez. A salvação de Deus deve ser dada a conhecer a todas as pessoas que vivem na face da Terra. A glória de Deus deve ser revelada, a Sua palavra confirmada, e o reino de Cristo estabelecido para dar libertação ao mundo. Os Seus seguidores devem agora levantar-se e brilhar. – *Review and Herald*, 25 de Janeiro de 1906.

Se somos de Cristo, o nosso título à herança celestial não tem falhas, e está em harmonia com as provisões do concerto da graça. Através da graça seremos capazes de assegurar o nosso chamado e a nossa eleição, adoptando a excelência de Cristo em espírito e carácter. Ninguém terá direito à herança celestial se não tiver sido purificado, refinado, enobrecido e santificado. Então, sejamos diligentes em assegurar o nosso chamado e eleição, para que nos seja concedida entrada de forma abundante no reino eterno do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. – *The Messenger*, 10 de Maio de 1893.

SEGUNDA-FEIRA, 30 DE AGOSTO: ELEITOS

Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida. João 3:36.

Jacob e Esaú encontraram-se junto ao leito de morte do pai. Noutros tempos, o irmão mais velho tinha esperado este acontecimento como uma oportunidade para a vingança, mas os seus sentimentos tinham mudado muito desde então. E Jacob, satisfeito com as bênçãos espirituais da primogenitura, cedeu ao irmão mais velho a herança da riqueza do seu pai – a única herança que Esaú procurava obter ou apreciava. ...

Esaú e Jacob tinham sido instruídos de modo semelhante no conhecimento de Deus e ambos tinham liberdade para andar nos Seus mandamentos e receber o Seu favor, mas não escolheram ambos fazer isso. Os dois irmãos tinham andado por caminhos diferentes e as suas veredas continuariam a divergir cada vez mais uma da outra.

Não houve uma preferência arbitrária da parte de Deus, que levasse a excluir Esaú de aceder às bênçãos da salvação. Os dons da Sua graça através de Cristo são gratuitos para todos. A escolha do caminho que leve alguém a perecer não é de Deus, mas sim de cada um de nós... Eleito é todo aquele que trabalha para a sua própria salvação com temor e tremor. É eleito aquele que cingir a armadura e combater o bom combate da fé. É eleito quem vigiar e orar, quem examinar as Escrituras e fugir da tentação. Eleito é aquele que continuamente tiver fé, que for obediente a toda a palavra que sai da boca de Deus. As providências tomadas para a redenção são franqueadas a todos. Os resultados da redenção serão desfrutados por aqueles que satisfizeram as condições.

Esaú tinha desprezado as bênçãos do concerto. Dera mais valor aos bens temporais do que aos espirituais, recebendo o que desejava. Foi pela sua própria e deliberada escolha que se separou do povo de Deus. Jacob escolhera a herança da fé. Esforçara-se por obtê-la pela astúcia, traição e falsidade. Deus, porém, permitiu que o seu pecado contribuísse para a sua própria correcção. ... Os elementos inferiores do seu carácter foram consumidos na fornalha de fogo, o verdadeiro ouro foi refinado, até que a fé de Abraão e de Isaque apareceu claramente em Jacob. – *Vidas que Falam* (Meditações Matinais, 1971), p. 71.

Esaú ... não tinha amor à devoção nem inclinação para uma vida religiosa. Os requisitos que acompanhavam a primogenitura espiritual eram para ele uma restrição que não desejava, era-lhe até odiosa. A lei de Deus, que era a condição do concerto divino com Abraão, era considerada por Esaú como escravidão. Inclinado à satisfação própria, nada desejava tanto como a liberdade, para fazer conforme lhe agradasse. Para ele, poder e riquezas, festas e orgias, eram a felicidade. Gloriava-se na liberdade sem restrições da sua vida selvagem e errante. – *Vidas que Falam*, (Meditações Matinais, 1971) p. 61.

TERÇA-FEIRA, 31 DE AGOSTO: MISTÉRIOS

Embora os amorreus fossem um povo idólatra, violento e cruel, Deus poupou-os durante quatrocentos anos para lhes dar uma prova inequívoca de que Ele era o único verdadeiro Deus, o Criador do céu e da Terra. Todos os Seus prodígios ao tirar Israel do Egípto, os juízos que recaíram sobre os egípcios porque se recusaram a deixar o povo ir, o Seu poderoso milagre ao abrir uma passagem através do Mar Vermelho e ao destruir a hoste do Faraó; as Suas maravilhosas obras no deserto, o pão enviado do Céu, a água pura retirada da rocha, o castigo dos rebeldes em Israel – todos estes factos eram conhecidos por essas nações idólatras. Tinham sido dadas provas suficientes. E poderiam ter conhecido a verdade, se tivessem estado dispostos a abandonar a sua idolatria e licenciosidade para servirem o Deus vivo e verdadeiro. Mas nenhum se viu obrigado a crer, contra a vontade. Eram agentes morais livres, e tinham de decidir por si mesmos o seu futuro destino.

No passado, o Faraó orgulhosamente perguntou: “Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel?” (Êx. 5:2). Ele aprendeu por experiência própria que Ele é que tinha poder para criar ou destruir. Assim, a luz tinha sido dada na revelação do poder de Deus àquelas nações violentas e idóla-

tras, para que pudessem conhecer o Deus verdadeiro e vivo. Essa luz tinha sido desprezada, rejeitada; eles tinham-se afastado do verdadeiro Deus para servirem e adorarem ídolos e a sua taça de iniquidade estava já quase cheia.

Quando o Senhor, pela segunda vez, trouxe o Seu povo às fronteiras de Canaã, depois da longa deambulação pelo deserto, foi concedida outra prova do Seu poder àquelas nações pagãs. Podiam ver que Deus estava com Israel na vitória obtida sobre o rei Harade e os cananeus. Tinham ainda outra evidência no milagre operado para salvar os que estavam a perecer da picada mortal das serpentes. Embora tivesse sido rudemente recusada aos israelitas a passagem pela terra de Edom, sendo por isso obrigados a fazer um longo e difícil percurso junto ao Mar Vermelho, não tinham, contudo, em todas as suas deslocações e acampamentos junto à terra de Edom, Moabe e Amom, mostrado hostilidade, e não fizeram nenhum mal ao povo ou às suas posses. Ao atingir as fronteiras dos amorreus, Israel tinha pedido permissão apenas para passar directamente pelo país, prometendo observar as mesmas regras que tinham presidido às suas relações com outras nações. Quando o rei amorreu recusou satisfazer este atencioso pedido, e desafiadoramente reuniu o seu exército para a batalha, a taça da sua iniquidade estava cheia. Deus agora exerceria o Seu poder para os destruir, tal como tinha lutado contra o Faraó e as suas hostes. – *Signs of the Times*, 4 de Novembro de 1880.

Deus não elogia nem aprova os homens impenitentes, pois esta condição do coração humano não O glorifica, nem faz bem à humanidade. Deus lança luz sobre a alma dos homens, concede-lhes oportunidades e privilégios, e se estes não forem cultivados, se os preciosos momentos de provação forem negligenciados, a medida da luz dada será a medida da culpa decorrente desta negligência imperdoável dos dons de Deus. O Salvador disse: “Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!” (Mat. 6:23). É-nos dito que o Senhor endureceu o coração do Faraó. As repetidas recusas do rei em ouvir a Palavra do Senhor, deram origem a mensagens mais directas, urgentes e imperiosas. A cada rejeição da luz, o Senhor manifestou uma demonstração mais marcante do Seu poder; mas a teimosia do rei aumentou a cada nova evidência do poder e da majestade do Deus do Céu, até que a última seta de misericórdia da aljava divina foi desferida. Então, o homem foi completamente endurecido pela sua própria contínua resistência. O faraó semeou obstinação, e ceifou uma colheita do mesmo tipo no seu carácter. O Senhor não podia fazer mais nada para o convencer, pois ele es-

tava barricado em obstinação e preconceito, onde o Espírito Santo não podia encontrar acesso até ao seu coração. O faraó estava entregue à sua própria descrença e dureza de coração. A infidelidade produziu infidelidade. Quando o faraó endureceu o seu coração na primeira demonstração do poder de Deus, tornou-se mais capaz de rejeitar uma segunda vez esse mesmo poder. Orgulho e teimosia mantiveram-no em cativo e impediram-no de reconhecer as advertências de Deus. Era contra a natureza do faraó mudar quando já havia sido dada expressão ao seu propósito de não crer. – *Review and Herald*, 17 de Fevereiro de 1891.

QUARTA-FEIRA, 1 DE SETEMBRO: AMI: “MEU POVO”

Era propósito de Deus que a Sua graça fosse revelada entre os gentios, bem como entre os israelitas. Isto tinha sido claramente esboçado nas profecias do Antigo Testamento. O apóstolo usa algumas dessas profecias no seu argumento: “Pois o homem que trabalha com o barro tem o direito de fazer dele o que quiser. Pode fazer louça de luxo e outra para uso vulgar. Que temos nós então a dizer, se Deus quer mostrar a Sua ira e dar a conhecer o Seu poder?! Ele já mostrou muita paciência para com aqueles que mereciam os castigos divinos e deviam ser destruídos. Quis igualmente mostrar as maravilhas da Sua riqueza para com os Seus escolhidos, pois teve compaixão de nós e preparou-nos para tomarmos parte na Sua felicidade. Nós somos os que Ele chamou e não somente dentre os judeus, mas também doutros povos. É o que está escrito no livro de Oseias: ‘Chamarei Meu povo àqueles que o não eram; e Minha nação escolhida àquela que o não era. E no lugar onde lhes tinha dito: Vocês não são o Meu povo, aí mesmo serão chamados filhos do Deus vivo’” (Rom. 9:21-26. Ver Oseias 1:10).

Apesar de Israel ter falhado como nação, havia entre eles um considerável remanescente em condições de ser salvo. Por ocasião do advento do Salvador, houve homens e mulheres fiéis que receberam com alegria a mensagem de João Baptista, e foram, dessa forma, levados a estudar, mais uma vez, as profecias referentes ao Messias. Quando a Igreja cristã primitiva foi fundada, foi composta por esses fiéis judeus que reconheceram Jesus de Nazaré como Aquele cujo advento tanto tinham desejado. É a este remanescente que Paulo se refere quando escreve: “E, se as primícias são santas, também a massa o

é; se a raiz é santa, também os ramos o são” (Rom. 11:16). – *Actos dos Apóstolos*, pp. 267, 268 (Ed. P. SerVir).

De especial valor, hoje, para a Igreja de Deus sobre a Terra – os guardas da Sua vinha – são as mensagens de consolo e admoestação dadas através dos profetas que tornaram claro o Seu eterno desígnio em favor da humanidade. Nos ensinamentos dos profetas, o Seu amor pela raça caída e o Seu plano para a sua salvação são claramente revelados. A história do convite feito a Israel, dos seus sucessos e fracassos, da restauração do favor divino sobre eles, a rejeição do Senhor da vinha e a execução do plano dos séculos por um bom remanescente em quem seriam cumpridas todas as promessas do concerto – foi o tema dos mensageiros de Deus à Sua Igreja, através dos séculos passados. E hoje a mensagem de Deus à Sua igreja – aos que estão a ocupar a Sua vinha como fiéis lavradores – não é outra senão a que foi expressa pelo profeta do passado: “Naquele dia, haverá uma vinha de vinho tinto; cantai-lhe. Eu, o Senhor, a guardo, e a cada momento a regarei; para que ninguém lhe faça dano, de dia e de noite a guardarei” (Isa. 27:2 e 3). – *Profetas e Reis*, p. 12 (Ed. P. Servir).

QUINTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO: TROPEÇAR

Os judeus tinham uma fé semelhante à de muitos cristãos professos da actualidade. Criam nas profecias que previam o advento do Messias; mas a sua fé não era daquela natureza espiritual que discernia no Filho de Deus o Salvador das suas expectativas. Eles não conseguiam aceitar a obra de Deus para o seu tempo, e rejeitaram a verdade porque a sua fé não via a relação da sombra com a substância. Eles agarravam-se tenazmente às ofertas dos sacrifícios, aos rituais da Igreja e às tradições dos pais; mas recusavam o Cordeiro de Deus, o grande antítipo de todos os serviços do passado. Eram muito zelosos na observância da forma, e diziam confiar em Moisés e nos profetas; mas Aquele que tinha inspirado as palavras das Escrituras, e cuja vida era o cumprimento das suas profecias, era uma pedra de tropeço, e uma rocha de ofensa. Ele não correspondia ao ideal que eles tinham do que seria Aquele que havia de vir. Tinham imaginado um Messias cujo poder e majestade iriam satisfazer o orgulho do seu coração carnal, e exaltá-los a uma posição de poder supremo entre as nações. Quando Jesus lhes desvendou o carácter do Seu reino, e o que os Seus discípulos deviam possuir para que fossem esco-

Ihidos e abençoados por Deus, eles disseram: “Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” (João 6:60).

O Salvador foi investido com as credenciais do Céu. A Palavra de Deus suportava as Suas reivindicações. Os Seus milagres, o Seu carácter santo, o Seu poder sobre os homens e os demónios, todos transmitiam convicção ao coração dos Seus ouvintes; mas eles recusaram-n’O. Ele veio de acordo com as profecias nas quais professavam crer, mas foi “desprezado, e o mais indigno entre os homens” (Isa. 53:3), tal como os profetas tinha previsto que aconteceria.

Os judeus não podiam abdicar dos seus sonhos de um grande Príncipe que reinaria sobre todas as nações. Não podiam renunciar às suas esperanças de poder e glória temporais para aprender com o Homem de Dores, para seguir nos Seus passos de abnegação e pureza. Eles amavam as trevas em vez da luz e os erros que eles amavam operaram a sua destruição. ...

A fé genuína levará os homens a desenvolver a sua própria salvação com temor e tremor. Não seguirão os caminhos deste mundo. O Espírito e as obras de Cristo manifestar-se-ão na sua vida e a Palavra de Deus será a regra da sua acção. Praticarão e ensinarão os mandamentos de Deus, e caminharão humildemente perante homens e anjos. Poderão distinguir a obra de Deus na Terra e o preconceito não terá permissão para fechar o coração deles contra a verdade para o seu tempo. Lutarão para entrar na porta estreita, seguirão pelo caminho estreito e seguirão o Redentor do mundo.

Aqueles que não são “cumpridores da palavra” (Tia. 1:22) podem gabar-se da sua fé vazia. Podem gabar-se da sua santidade, enquanto tropeçam na lei de Deus; mas Jesus diz-lhes: “Porque me chamais: Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?” (Luc. 6:46) e a frase final virá: “Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mat. 7:23). Pois “a fé, sem obras, é morta” (Tia. 2:26). – *Signs of the Times*, 30 de Março de 1888.

SEXTA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO: LEITURA ADICIONAL

O Grande Conflito, “Reformadores Ingleses Posteriores”, pp. 219-220 (Ed. P. SerVir); Comentários de Ellen G. White, *SDA Bible Commentary*, vol. 1, pp. 1099, 1100.

A Eleição da Graça

SÁBADO À TARDE, 4 DE SETEMBRO

O esforço de obter a salvação pelas próprias obras leva inevitavelmente os homens a amontoar exigências como uma barreira contra o pecado. Pois, vendo que falham na observância da lei, imaginam eles próprios regras e regulamentos, para se obrigarem a obedecer. Tudo isto desvia a mente, de Deus para si mesmos. O Seu amor extingue-se-lhes no coração, e com ele perece o amor para com os seus semelhantes. Um sistema de invenção humana, com as suas múltiplas exigências, induz os seus adeptos a julgar todos aqueles que faltem à prescrita norma humana. A atmosfera de crítica egoísta e estreita, sufoca as nobres e generosas emoções, fazendo com que os homens se tornem egocêntricos juízes e mesquinhos espias.

Os fariseus eram desta classe. Saíam dos seus cultos religiosos, não humilhados com o senso da própria fraqueza, não agradecidos pelos grandes privilégios que lhes tinham sido concedidos por Deus. Saíam cheios de orgulho espiritual, e o seu tema era: “Eu, os meus sentimentos, os meus conhecimentos, a minha vontade.” As suas próprias realizações tornavam-se a norma pela qual julgavam os outros. Revestindo-se das vestes da própria dignidade, usavam a cadeira de juízes para criticar e condenar.

O povo partilhava, em grande parte, do mesmo espírito, penetrando nos domínios da consciência, e julgando-se uns aos outros em assuntos que diziam respeito à alma e a Deus. Foi com referência a esse espírito e prática, que Jesus disse: “Não julgueis, para que não sejais julgados” (Mat. 7:1). Isto é, não se ponham como norma. Não façam das vossas opiniões, dos vossos pontos de vista quanto ao dever, das vossas interpretações da Escritura, um critério para outros, condenando-os no vosso coração se não atingem o vosso ideal. Não critiquem os outros, conjecturando os seus motivos, e formando juízos. – *O Maior Discurso de Cristo*, pp. 123, 124.